

NEW YORK PUBLIC LIBRARY



3 3433 03842 3889

E 10-8955

Sabugosa, Antonio Maria Jose de Melo Ces

Poemetos

CONDE DE SABUGOSA

POEMETOS

11906

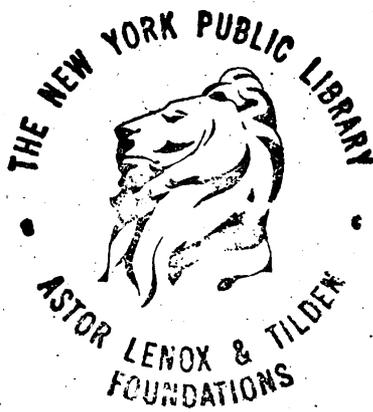
Desenhos de Casa Nova, Christino, Columbano B. Pinheiro,  
Scott, D. José da Camara, Jorge de Mello, José de Mello, etc.

LISBOA

TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO

31 Rua da Cruz de Pau 33

1882



Ao seu amigo Eduardo Burnay  
com as "admirações pelo seu talento"

24 de Novembro de 1882

off v

Conde de Sabugosa

POEMETOS



CONDE DE SABUGOSA

# POEMETOS

Desenhos de Casa Nova, Christino, Columbano B. Pinheiro,  
Scott, D. José da Camara, Jorge de Mello, José de Mello, etc.

LISBOA

TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO

*31 Rua da Cruz de Pau 33*

1882



AOS MEUS.



# CAHIR DO AZUL

*Ao Visconde de Seisal*

UMA noite sahira toda a gente,  
Não sei porquê, mais cedo que o costume:  
Ella ficára apathica, indolente,  
Pensando ao pé do lume.



Estendia-se em flocos, espumosa,  
De velha renda e sedas murmurantes,  
A cauda do vestido côr de rosa,  
Em linhas ondeantes.

O seu pé pequenino, bem calçado,  
Batia, sobre os ferros do fogão,  
Vagaroso compasso cadenceado  
D'uma velha canção.

Uma velha canção já desbotada,  
E d'uma graça ingenua onde sorri  
O animado partir, para a caçada,  
E o som do halali.

Julgava então ouvir distintamente  
Nas trombetas de caça o ritornello  
E o latir da matilha impaciente  
Nos pateos do castello.

Via alegres montar os cavalleiros  
Sorrindo ás amazonas nos balcões,  
E nas mangas azues dos falcoeiros  
As garras dos falcões.

Louros pagens de gorras emplumadas,  
Que seda fina e multicôr vestia,  
Adornam as extensas balaustradas  
Da larga escadaria.

Entre os pagens se nota um mais gentil,  
Travesso, menestrel e trovador  
Que em noites de luar, ao arrabil,  
Falla do seu amor.

E que ao ver elegante aproximar-se  
Do favorito fervido alazão  
A loira castellá, corre a postar-se  
De joelho no chão.

Ella poisa-lhe então o pé tremente  
N'esse amoroso estribo de velludo,  
E no joelho a marca fica assente  
D'um sentimento mudo.

E lembrando a princeza da ballada,  
Que amando um pagem namorado e loiro  
Enxuga a mão comprida, e orvalhada  
Nos seus cabellos d'ouro.

Segurando-se á fulva cabelleira  
Do pagem, que no pé lhe poisa um beijo,  
Sobre o cavallo salta e vae ligeira  
Metter-se no cortejo.

Apagára-se o lume no fogão;  
Ella accorda do sonho em alvoroço  
Ouvindo resonar o capellão,  
Que pensa no almoço.



## FIN DE RÊVE

*Tradução pelo Visconde de Seisal*

Un soir ses invites, plus tôt que d'habitude

Étaient partis. Tout se taisait.

Pres d'un feu pétillant, prise de lassitude

Elle était assise et revait.

La traîne de sa robe affaissée autour d'elle  
S'enroulait en flots écumeux  
A sa jeune beauté ce fouillis de dentelle  
Faisait un nid rose et soyeux.

Son petit pied mignon, dans sa mule élégante  
Sur les chenets était posé  
Il battait lentement la mesure dolente  
D'un vieux refrain du temps passé.

Ces couplets surannés d'une naïve grâce  
De l'âge d'or reflet pâli  
Lui parlaient des amours, du départ pour la chasse,  
Du joyeux son du hallali.

Il lui semblait entendre, en sa pensée ardente  
Le son du cor dans le bois noir,  
Et les appels confus de la meute bruyante.  
A la porte de son manoir.

Elle voyait passer implorant un sourire  
Des chevaliers sous les balcons  
Et sur les pourpoints bleus des varlets d'un beau sire  
Mordre la serre des faucons.

Sur le vaste escalier, quel essaim de beau pages  
Vêtus de soie et de brocart,  
S'échelonnant pour voir passer les équipages  
Et pour assister au départ!

Il en est un surtout, à la mine éveillée  
Tendre, naïf et troubadour  
Qui sait sur la cithare, aux soirs de la veillée,  
Chanter les douceurs de l'amour.

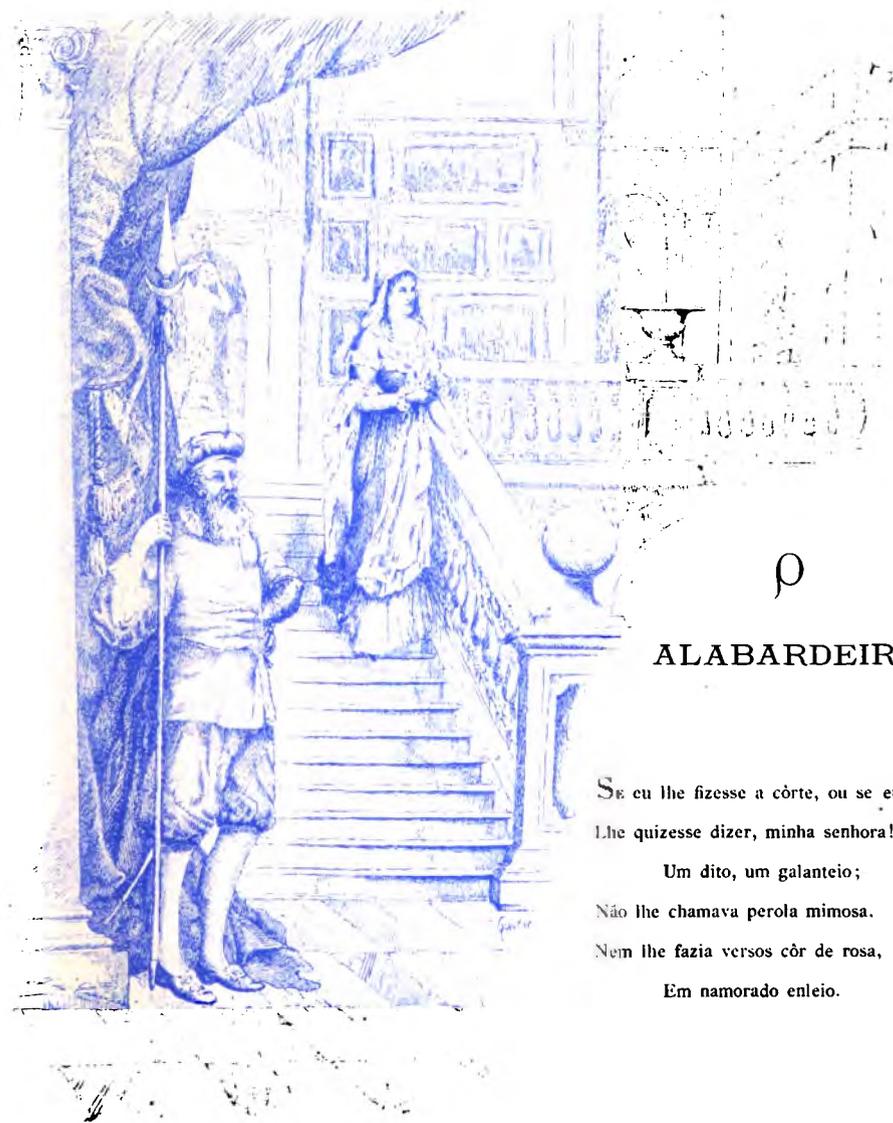
En voyant approcher la châtelaine altièrre  
De son palefroi hennissant  
Le bel enfant va mettre un genou contre terre  
Et lui tend l'autre en frémissant.

Souriante, elle met son petit pied de fée  
Sur cet étrier de velours  
Et de ce doux contact la trace ineffacée  
Dans leur cœur restera toujours.

La ballade nous dit, qu'une reine amoureuse  
Voulant sécher sa blanche main  
La plongeait dans les flots de la toison soyeuse  
D'un page, tendre *Chérubin*.

Ainsi la châtelaine en se mettant en selle,  
S'appuie au front jeune et charmant.  
Tandis-que, comme adieu, sur le pied de sa belle  
Il dépose un baiser brûlant.

Le feu s'était éteint. Prise d'un froid de glace  
Elle se réveille en sursaut...  
Rien! que son chapelain à rubiconde face  
Qui du souper rêve tout haut.



ρ

## ALABARDEIRO

Se eu lhe fizesse a cõrte, ou se eu agora  
Lhe quizesse dizer, minha senhora!

Um dito, um galanteio;

Não lhe chamava perola mimosa.

Nem lhe fazia versos cõr de rosa,

Em namorado enleio.

Nem tão pouco, senhora, a comparava  
Ao branco lírio ou aos jasmims de Java,  
Aos raios do luar,  
Ou á flôr virginal da laranjeira,  
Que nas manhans de primavera esteira  
As ruas do pomar.

Não lhe exaltava os olhos orientaes,  
As delicadas mãos esculturaes,  
O malicioso pé;  
Não iria roubar quentes bellezas,  
Ás sensuaes, romanticas marquezas  
Dos versos de Musset.

Repetia-lhe apenas n'esse instante  
O lisonjeiro dicto, archi-galante  
Do velho alabardeiro,  
Que uma vez... O melhor é começar;  
E, se me ouvir attenta, vou contar  
A historia por inteiro.

É n'um museu. Avultam as brancuras  
De formosas antigas esculturas  
    Nos altos pedestaes;  
Chove do tecto a luz suave e morna,  
Que n'um banho macio lhes contorna  
    As fórmas geniaes.

Deslumbram nas extensas galerias  
As plasticas, reaes, anatomias  
    Da Grecia creadora.  
Aqui, vê-se, n'um extase adoravel,  
A belleza dogmatica, immutavel,  
    Da Venus vencedora.

Despe-lhe as fórmas tumidas, redondas,  
Cahindo-lhe revolto em largas ondas,  
    O manto desprendido;  
E n'esse corpo musical, severo,  
Brilha um poema hellenico de Homero,  
    Eternamente lido.

Além, uma Diana caçadora  
A tunica arregaça encantadora  
N'um infantil menção.  
Adiante, Baccho ao peito de Sileno,  
E de Pallus um vulto alvo e sereno,  
Com a egide no seio.

Olhando em volta a multidão divina,  
Olympica, marmorca, alabastrina,  
A multidão pagan,  
Parece-nos que assim eternamente  
Aquelles deuses ouvem docemente  
Um cantico de Pan.

Deixando a galeria. Na saída,  
Onde se junta a escada bipartida  
N'um vasto patamar,  
Destaca-se aprumado um velho guarda,  
Empunhando tranquillo uma alabarda,  
Grande, semi-lunar.

Tem o soberbo aspecto das figuras  
Da meia idade. As velhas armaduras  
Deviam-lhe servir;  
A barba enovelada, a tez rugosa,  
Uma indiferença ativa e desdenhosa,  
Nostalgico o sorrir.

Pois, um dia, contaram-me que vendo  
Uma linda mulher, que ia descendo,  
O velho estremeceu,  
E prendendo-a no largo peristillo:  
«Não vos deixo fugir, Venus de Milo!  
Fugir d'este museu.»

Acaba aqui a historia. Se eu agora  
Lhe quizer dirigir, minha senhora!  
Um dicto lisonjeiro,  
Repetirei apenas n'este instante,  
Que lhe diria o mesmo que o galante  
E velho alabardeiro.





O ROMANCE

DE JULIA

Dos ultimos chocalhos do rebanho,  
Que ás trindades recolhe de pastar,  
Escuta-se ainda longe o som roufenho,  
Como vozes de freiras a rezar.

A. S. S.

Por sob a espessa ramaria umbrosa,  
Onde as aves se deitam com amor,  
Na sombria azinhaga tortuosa,  
Entre macissos de congossa em flor,

Onde perpassa em ondas docemente  
Das violetas o subtil mysterio,  
Caminha o sancto abbade lentamente  
Regressando cançado ao presbyterio.

Das trindades o som teimoso e brando  
Pelas varzeas echoa e nas campinas;  
Subito pára o velho murmurando  
As orações piedosas vespertinas.

E fica largo tempo concentrado...  
N'isto lhe chega na indiscreta aragem  
Petulante, sonoro e prolongado,  
O chilrear d'um beijo entre a folhagem.

Fugindo sae então da moita espessa  
Um vulto branco, a passos tão ligeiros,  
Que por pouco não via que a travessa  
Era a morena Julia dos Ulmeiros.

Sorri-se docemente o sancto abbade,  
E na memoria um bafo lhe passou  
Da saudosa remota mocidade.  
Sonho d'amor que cedo se acabou...

\*

\* \*



alguns dias depois pela manhã,  
Entre um grupo de velhas confessadas,  
Vermelha como um bago de romã,  
Olhos no chão, no seio as mãos cruzadas,

Ajoelhada perante o confessor,  
Que benevolente a escuta e ouve attento,  
Ella conta o nascer do seu amor  
E pede que lhe faça o casamento.

Ha muito fôra já que a vez primeira,  
Em noite d'arraial a S. João,  
Ella ouvira a suave, a lisongeira  
Doce voz que lhe entrou no coração.

E que entre o som dolente das cantigas,  
Que em desafios trocam prolongados,  
Em quanto que no adro as raparigas  
Dizem coisas baixinho aos namorados,

Embebida na doce languidez,  
Filtros d'amor que traz a quente aragem,  
Ella trocou pela primeira vez...  
O que o prior ouvira entre a folhagem.

Parando o velho abbade a confissão  
Com paternal affecto perguntou  
Quem assim lhe tomára o coração.  
Ella o nome do noivo murmurou.

N'isto o rosto do padre se contrahe,  
E com profundo e triste sentimento,  
Lhe prohibe, por alma de seu pae,  
De mais pensar n'aquelle casamento.

E que lembrára ao velho constringido  
Um segredo d'antiga confissão:  
O namorado noivo promettido  
Da Julia dos Ulmeiros era irmão.



# A FILHA DO CHEFE

(DE CATULLE MENDÈS)

Dos dalmatas no campo entram mongoes raivosos.  
Derramam-se no ar os cheiros resinosos.  
Das florestas o fumo em curvas espiraes  
Torna sombrio o céo. Nos campos, nos casaes  
O fogo devastou vinhas e sementeiras.  
Os trêdos dos mongoes adoram as fogueiras!  
Junto do velho pae de cinzas rodeado  
E dos pequenos nús que o vento afogueado  
Não deixa bem sentir o frio destruidor,  
O vencido olha e vê cheio d'espanto e dor,  
Que foram pelo fogo acceso nas ramadas  
Todo o seu pão cosido e as vinhas vindimadas.

Aos rudes cannibae que descem do Oriente  
A correr como um rio impetuosamente,  
Dos dalmatas o chefe em vão quiz resistir.  
Muro que sente já as bases alluir,  
Lamenta o pobre velho em casa a triste sorte  
Não por si (que elle já bem perto sente a morte)  
Mas pela filha sua, a casta flor do linho.  
-Era o meu doce apoio, a pomba do meu ninho,  
E morre se eu morrer!- Carvalho derribado  
Pensas no ramo verde e sentes-te quebrado!

De repente um mongol ao velho se chegou  
E cruelmente diz: 'Tu sabes quem eu sou?  
Sou o Khan, o senhor de muitos mais guerreiros  
Que espigas tens no campo e grãos nos teus celeiros,  
Casas por esse vale e casas na cidade.  
Eras rico, bem sei. Mas é tambem verdade  
Que o povo meu queimou as casas e os casaes.  
Seis filhos tinhas tu audazes, bons, leaes,  
Seis cães eu tinha, e dei um corpo a cada cão.  
Ganhei alguma coisa em tudo isto? Não.

Mas eu sei quanto é linda a filha que tens cá,  
Diz-lhe que venha.  
•Nunca. — Eu mando aqui. É já.  
•Ella é tão nova, e tem... — Vamos! ordeno, velho?  
•Dezeseis annos só! O chefe curva o joelho  
E prostra-se no chão, olhando em torno a si,  
Como a buscar alguém que lhe appareça ali,  
Que o venha soccorrer. E espera de mãos postas;  
Mas fortes já não ha e os fracos deram costas.

•Chama-a! grita o mongol acceso em furia louca,  
Senão, misero e vil, te arrancarei da bocca  
Um grito que de prompto a faz aqui chamar. •

Abre-se n'isto a porta e assoma ao limiar  
Tendo por traz de si o quadro luminoso  
Do vasto céu azul, do grande monte umbroso,  
Alguem que envolto em luz e cheio de justiça  
Armado cavalleiro e prompto a entrar na liça  
Diz, manejando a lança em adextrada mão:  
•Oh chefe! D'essa filha eu sou o campeão! •

«Quem? Tu?» Diz o mongol. E torvo, embravecido  
Investe com furor contra o desconhecido.

Embatem uma n'outra as armaduras d'aço.  
Fervem golpes no ar. Echoa pelo espaço  
O retinir do ferro extraordinariamente.  
Um grito. E cae no chão vencido um combatente;  
O Khan põe-lhe no peito um pé, e a dura espada  
Lhe aponta. Pelo guante ali é levantada  
Do misero a vizeira.           **Horror! Uma mulher!**  
Criança que se afoga em sangue e vae morrer!  
No azul dos olhos seus o pranto **assoma e brilha.**

«Meu pae, diz ella, adcus! salvei a vossa filha!»

# RUINAS

*A Vicente de Pindella*

N'um jardim por Le Nôtre desenhado  
Com buxos em figuras caprichosas,  
Onde um classico Apollo mutilado  
Preside às nove musas já rugosas.



Existe um banco tosco abandonado  
Que sob os musgos e as incultas rosas  
Guarda ainda um perfume do passado  
E um echo de palavras amorosas,

Palavras que ao murmúrio da cascata  
Ouviu a um corteção que as segredou  
No ouvido gentil d'uma açafata.

Hoje estendem-se ali na relva lisa  
Os restos da merenda que fartou  
Uns burguezes em mangas de camisa.

# MARIQUITA

*(Na porta d'uma azua-furtada)*



o que anda tão distraída  
Mariquita a costureira.  
Que ia hontem a sabida  
Não cantava galhofeira?

Entristece por ter dado  
Gargalhada, que amedronte  
Um olhar apaixonado  
Do caixeiro ali defronte?

Pensará no brasileiro,  
Que lhe disse hontem na rua:  
Eu dava muito dinheiro  
Por uma palavra sua?

Então que tem Mariquita,  
A ladina costureira,  
Que já nem falla á Rosita  
Predilecta companheira?

Pensa na festa ruidosa  
Onde á noite se ha de ver  
Um vestido cõr de rosa  
Que esteve hontem a coser.

## TREPADEIRAS



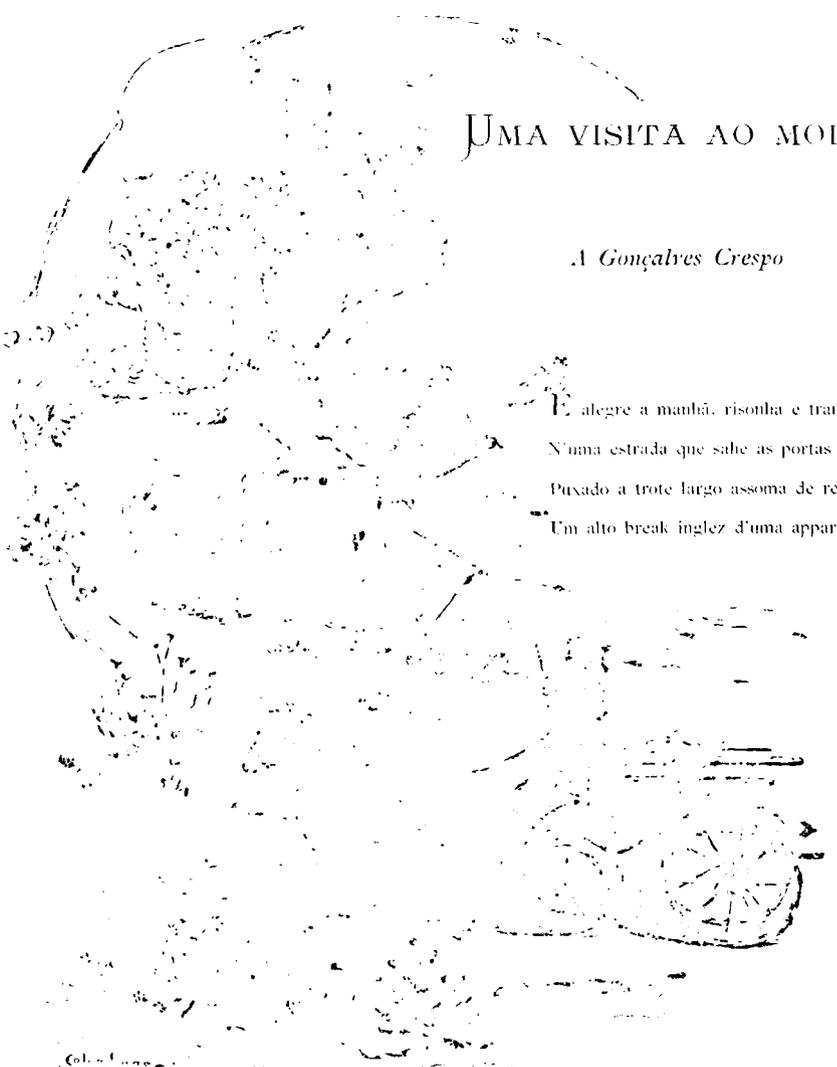
OB a tua janella oh minha flor  
Eu ha dias dispuz umas roseiras,  
Que subindo em festões de trepadeiras  
Te levassem a voz do meu amor.

E te dissessem nos aromas quentes,  
Que das rosas se espalham, ao luar,  
Palavras que ninguem soube expressar,  
Harmonias de canticos dolentes;

E que subindo fossem — arabescos  
Da ramaria em cachos caprichosos —  
Emmoldurar os hombros teus formosos  
Contornados, gentis raphaelescos.

E que os botões nos ramos a vergar  
Roçando-te na pelle alabastrina  
Te colhessem da bocca purpurina  
Os beijos que se perdem pelo ar.

D'essa janella então, ó minha flor,  
Emmoldurada assim de trepadeiras,  
Que uma rosa me desses das rosciras  
E com ella envolvido o teu amor.



## UMA VISITA AO MOINHO

*A Gonçalves Crespo*

É alegre a manhá, risonha e transparente.  
N'uma estrada que sahe as portas de Lisboa  
Puxado a trote largo assoma de repente  
Um alto break inglez d'uma apparencia boa.

Escuta-se o ranger d'arreios encerados  
E o respirar febril dos alazões nervosos,  
Em meio da almofada aprumam-se os creados,  
Correctos na libré, sisudos, silenciosos.

Um rancho feminino oscila nas cinturas  
Ao leve balouçar elastico das molas,  
Respiram-se no ar balsamicas frescuras,  
Passa no azul um bando arrullador de rolas.

No manto de verdura extenso dos trigaes  
Ha chuvas de saphyra e pingos d'amhetista,  
Vermelham da papoula os labios sensuaes  
Como nos quadros bons de Porto, o paysagista.

No cimo d'um cabeço a recortar o monte  
Um redondo moinho o panorama esmalta,  
Lentamente se vê mover no horizonte  
Da grande vela em cruz o habito de Malta.

Apeia-se contente a alegre companhia,  
Sorri-lhe uma visita á casa do moleiro,  
Commentam rindo o caso e cheias de alegria,  
Sobem da verde encosta o desigual carreiro.

Ao entrar no moinho o bafo d'elegancia  
E o crystallino rir do grupo buliçoso,  
Que vinha perturbar na solitaria estancia  
Da mó no seu rodar o giro rumoroso,

Uma loira que tinha os olhos cõr d'anil  
Mergulha na farinha a pequenina mão,  
Encosta-se n'um sacco, empoa-se gentil  
E diz que é ser moleira a sua vocação.

O moleiro de pé na tortuosa escada  
Á extranha confidencia incredulo sorri,  
Pergunta-lhe ella então ingenua e animada  
Se não é muito bom passar a vida ali.

Se não acha ideal a murmurante orchestra,  
Do vento a assobiar excentricos solfejos,  
Se não tem muito amor, e aponta-lhe com a destra,  
Ao santo que se vê na porta em azulejos,

Se elle não tem familia, um filho, uma creança,  
Que forre d'alegria e risos infantis  
O seu modesto ninho, e quando elle descança  
Lhe perfume o sonhar sympathico e feliz.

Tivera um filho sim, o enlevo do moinho,  
Mas n'um dia de vento á vela se chegou,  
Subiu arrebatado em doido torvelinho,  
E um grito, pelo ar, d'angustia se escutou.

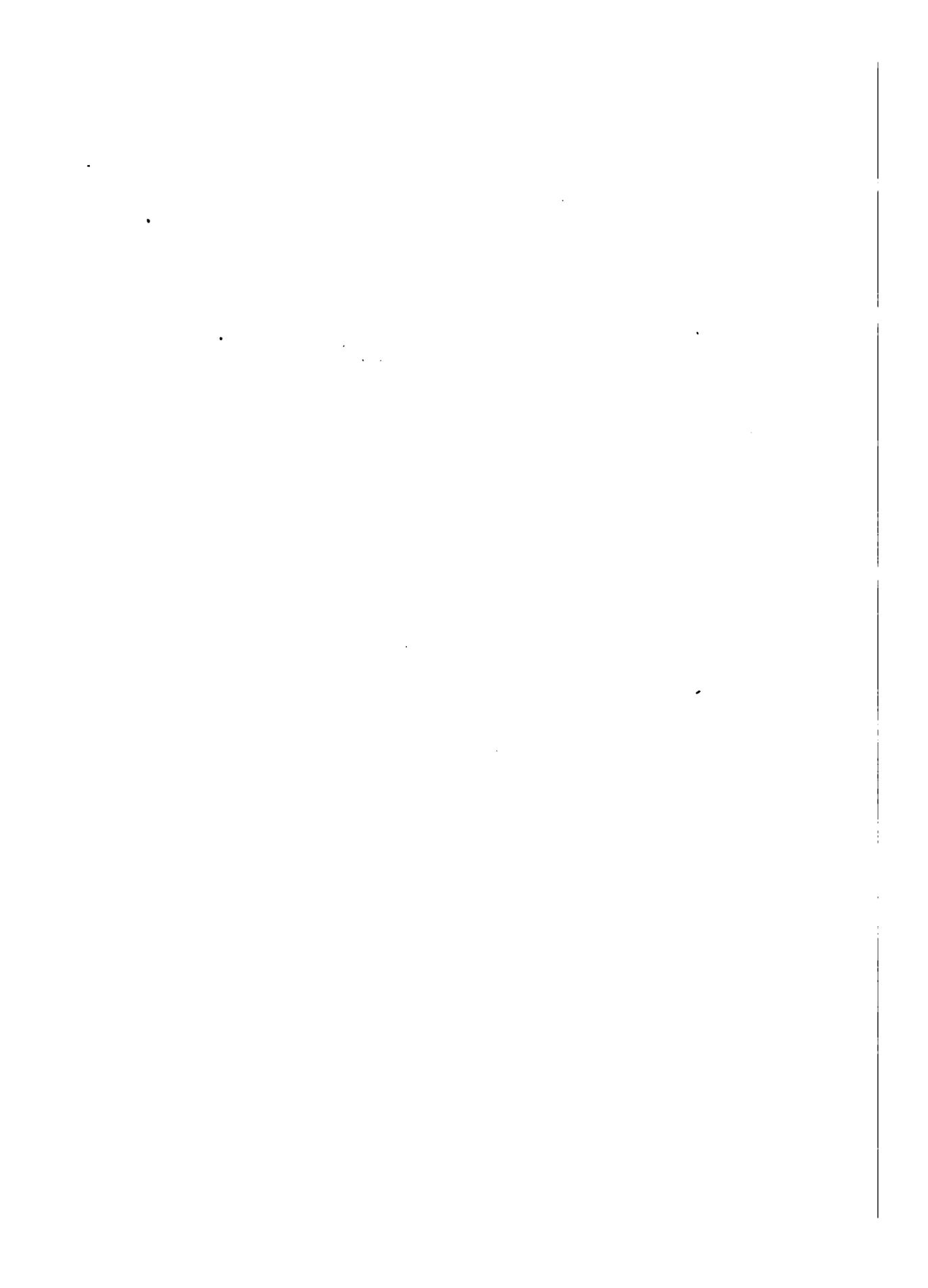
Vive sósinho ali e tem por ganha pão  
Do filho estremecido o proprio matador,  
Saúdosa o atormenta atroz recordação  
E sente no moinho um pavoroso horror.

Porque em noites d'inverno em quanto geme o vento

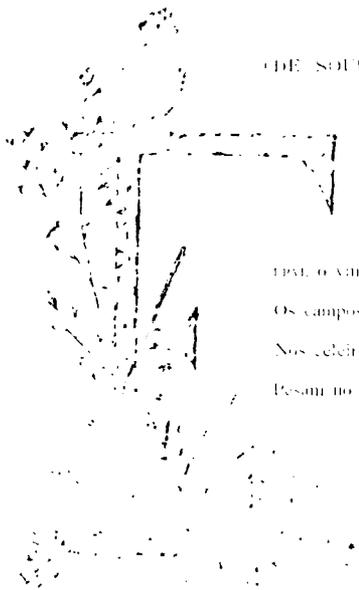
E faz assobiar os *barros* do moinho

Parece-lhe escutar um lugubre lamento

E julga distinguir a voz do seu filhinho.



# DE COMER A QUEM TEM FOME



## ODE SOLITARY

rivi, o vinho nas pedras do lagar,  
Os campos eilos prontos e ceifados,  
Nos celeiros os saccos recheiados  
Pesam no chão, e fazem-no estalar.

Gordo rendo exulta, e no lida  
Arruma, conta, ralha a seus creados.  
E diz: Se Deus protege os abastados  
Manda tambem com os pobres quinloar.

N'isto chega um pardal independente  
Que um grão sustenta, e vai com ar contente,  
Poisar ditoso no beiral visinho,

O dono diz: Sem tí, grande ladrão,  
Teria mais um sacco de bom pão,  
E a espingarda apontou ao pobresinho.



## LAMINA DE TOLEDO

Quanto a côrte vistosa ainda brilhava  
De Toledo na histórica cidade,  
Por onde a fina flor da mocidade  
As rutilas esporas arrastava:  
N'uma rua afastada um velho armeiro  
As laminas vendia,  
Que todo o gentil homem ou guerreiro  
Ao lado seu trazia  
Pendente do lavrado talabarte  
Com presumpçoso garbo e valentia.

No paço, na cidade, em toda a parte  
As laminas do velho eram gabadas  
E da folha luzente das espadas,  
E de seus punhos, que o cinzel com arte  
Bordava com desenhos cuidadosos,  
Fallava-se por toda a Andaluçia.

O velho tinha um filho que ajudava  
A rendilhar os cabos caprichosos,  
A dar a fina tempera ao aço fino,  
E a quem de quando em quando perturbava  
Meigo olhar andaluz e feminino  
Que a vizinha defronte lhe lançava.

Era formosa e tinha no sorriso  
Palpitante, vivaz, acerejado,  
A tentadora graça d'um peccado  
Capaz de revoltar o Paraíso;  
E de ao mais carrancudo magistrado  
Na cabeça abalar o são juízo.

Ora com mais razão  
Endoidecia muito corteção.

Trabalhava de ha muito o velho arneiro  
Nos copos d'uma espada fina e rara,  
Que ao artista zeloso encommendára  
Um rico duque moço e cavalleiro.

Empenhava-se o velho que essa espada  
O seu nome illustrasse n'um primor,  
E na divisa altiva cinzelada  
Burlava das letras o lavor;  
Lembrando-se que a sua assignatura  
Do castello ducal entre a armaria  
Na sala antiga, em breve, brilharia  
Junto da velha historica armadura  
D'esse heroe, que a revolta barbaria  
Nos plainos destroçou da Estremadura.

Acabada a tarefa convidou  
O moço duque a vil-a examinar,  
E ao ver da espada o brilho coruscante  
    O duque duvidou,  
Se mais valia a lamina brilhante  
    Se um tentador olhar,  
    Escuro, e provocante,  
Que á janella fronteira lobrigou.

Por uma noite escura o velho armeiro  
Sentindo n'essa rua socegada  
O rumor estridente e carniceiro  
De fera lucta com furor travada,  
Pensou que era christão ou cavalleiro,  
Que aos *perros* dos judeus dava caçada.  
E sentindo o gemer angustioso  
D'alguem que ali ficara agonisante  
Dizia: Já não tornas, cão tihoso,  
A mal dizer Jesus, lingua infamante.

    Passado curto instante  
Cahio tudo n'um placido repouso.

Na seguinte manhã, quando saíu  
A porta, á dubia luz da madrugada,  
O cadaver do filho descobriu,  
E no seu peito aquella mesma espada  
Com tanto amor d'artista trabalhada.

Quanto á visinha ninguém mais a viu.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

# PRIMEIRO D'ABRIL

(CARTEIRA D'UM ESTUDANTE)



ONTEM á noite pequena,  
Quando mais cedo eu sabia,  
E me notaste com pena  
Que isto nunca acontecia,

Quando, sorrindo, tentaste  
Prender-me, filha, em teus laços  
E o pescoço me apertaste  
Na forca dos teus dois braços,

Eu notei perfeitamente,  
Vê lá que esperto não sou!  
Que do teu olhar dolente  
O velludo se molhou.

Então bebi, com delicias  
D'um pachá que o opio fume,  
As adoráveis primicias  
Do teu primeiro ciume,

E não só não protestei  
Nem essa nuvem desfiz  
Com remedios que eu bem sei  
Que te fazem tão feliz,

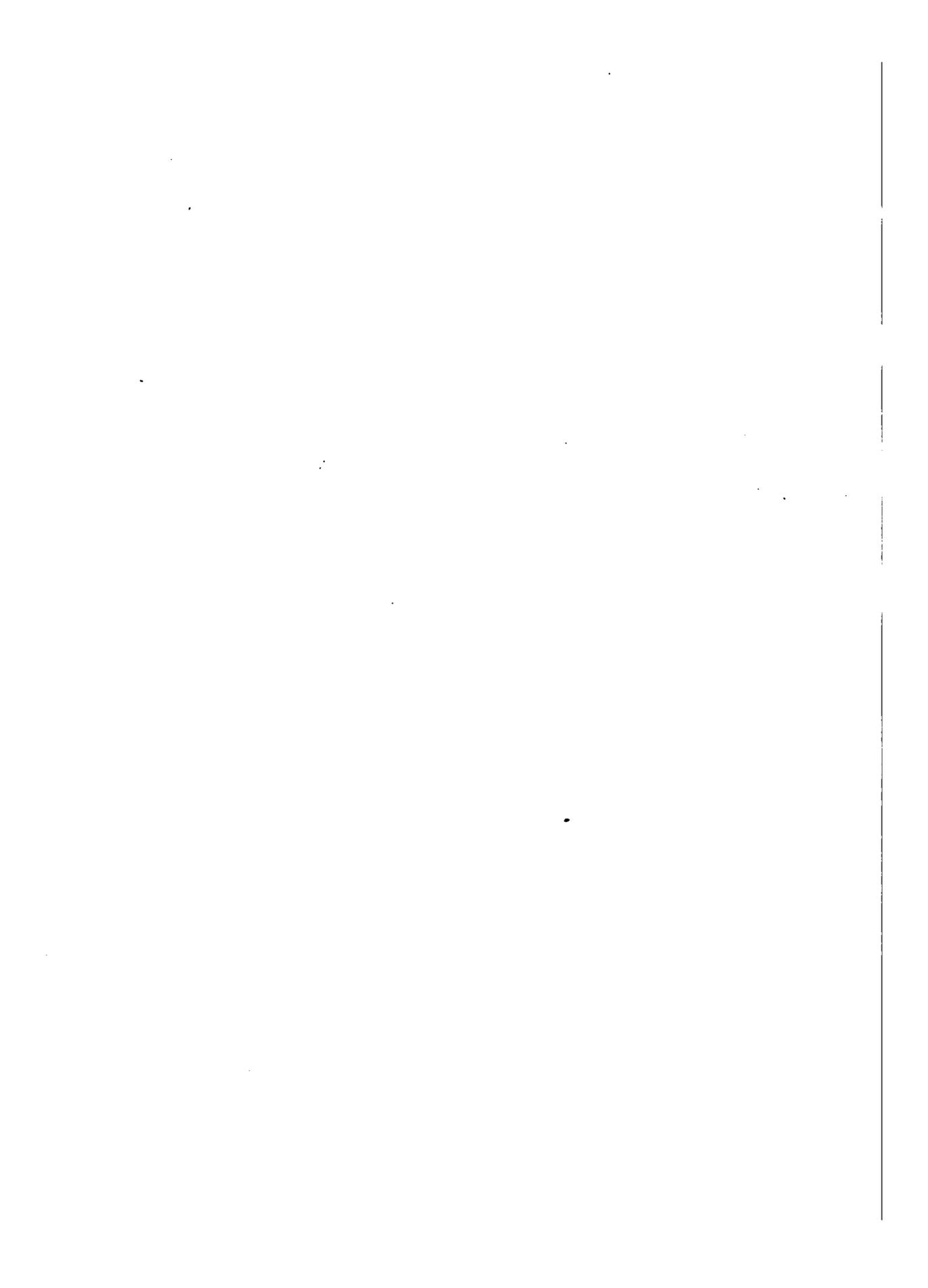
Mas até com certo amor  
D'um refinado guloso  
Quiz prolongar o sabe  
D'um tão rarissimo gozo.

E com pretexto vulgar  
(O mundo faz-nos assim)  
Eu deixei-te acreditar  
Que alguém esperava por mim.

Dizem-me hoje essas olheiras  
Anniladas cõr do ceu,  
Que paraste as frioleiras,  
Que o piano emmudeceu,

E que esta noite a almofada  
Nem beijou sequer a fina  
Superfície avelludada  
D'essa pelle alabastrina.

Hoje que o riso appareça  
Na tua bocca gentil.  
Hontem preguei-te uma *peça*  
Foi o primeiro d'Abril.



À SENHORA  
DUQUEZA DE PALMELLA

*Offerecendo-lhe a comedia o «Minuete»*

Nas suas brancas mãos patricias elegantes,  
E que uma veia azul suavemente annilla,  
Que moldaram na pedra, em formas palpitantes,  
A Dryade formosa, a pallida Sybilla.



N'essas mãos onde o scopro artistico scintilla,  
No Paros traduzindo as concepções brilhantes,  
Ou rasgue de Ficalho a lucida pupilla,  
Ou do marmore arranque as lubricas Bachantes;

Nas suas mãos eu quiz depor, minha senhora,  
De um cacho de lilaz, e rosas cor de aurora,  
Bem feito e perfumado um fino ramilhete.

Mas como não achei o ramo desejado,  
Compuz este soneto anemico, esmaiado,  
E venho-lhe ofertar, duqueza, o *Minuete*.

## A PADEIRINHA

Os olhos sensuaes da padeirinha,  
E a pelle cõr de rosa, avelludada,  
Com pennugem doirada que a farinha  
Cobria de finissima camada,

O lenço branco, em pregas, atraente,  
Cruzado sobre o peito tentador  
Tinham feito fallar timidamente  
O virgem coração do professor,

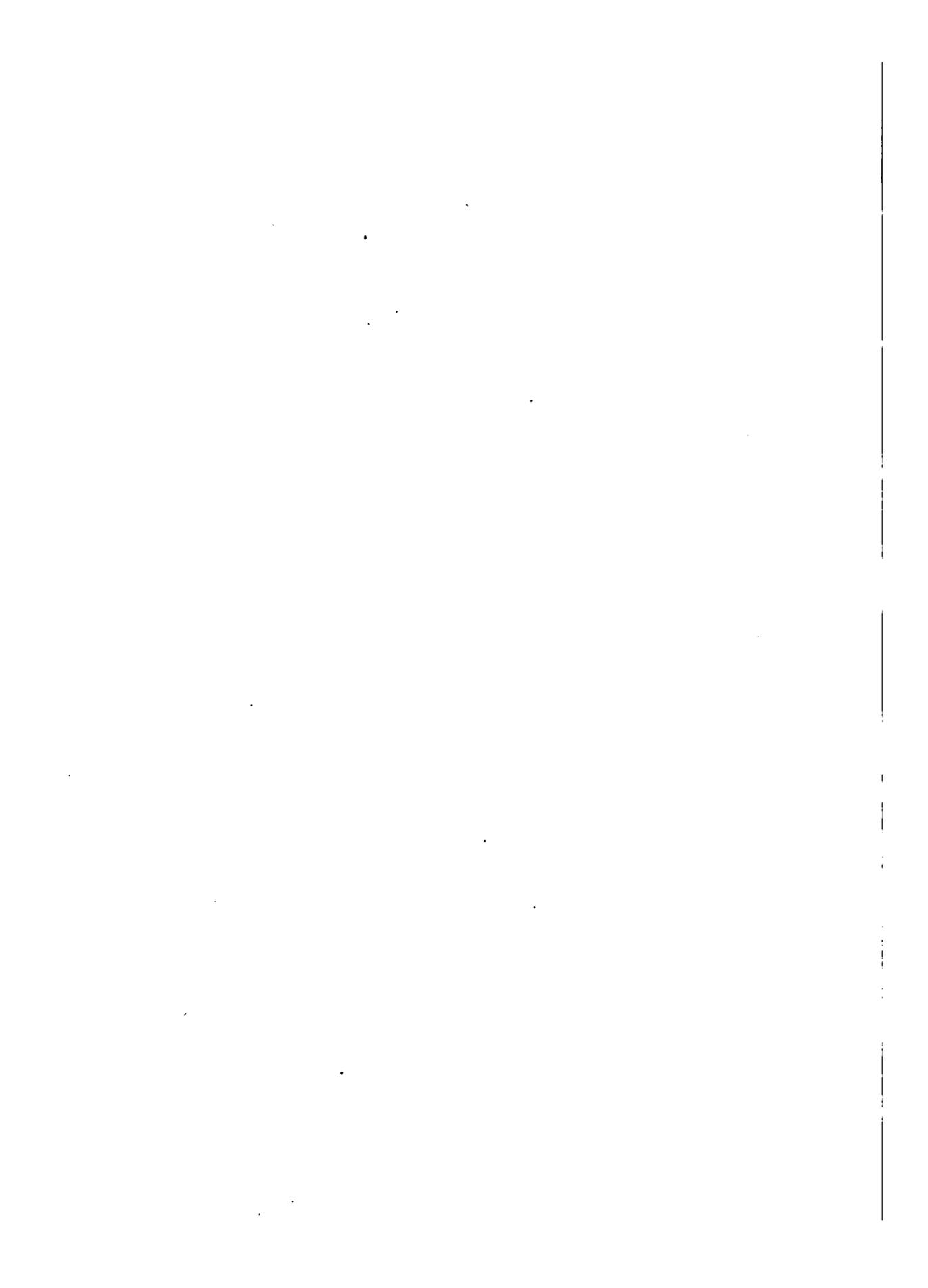
Que ao passar de manhã, quando ia á escola  
E que a via risonha no balcão,  
Com uma alegria viva de hespanhola,  
De manga arregaçada a vender pão,

Tinha appetites doidos de mandar  
A todos os diabos o latim,  
Invadir o balcão, de ir amassar,  
De ser padreiro com padcira assim.

.....

Os repiques de sinos anunciam  
Que a padeira casou com o namorado,  
Ao professor os olhos se annuiviam  
E lá se vae á escola acabrunhado.

Á noite no seu quarto quando o esmaga  
A solidão, e que o ciume o gela,  
Consola-se afagando a ideia vaga  
De ensinar o latim a um filho d'ella.



## DUAS ÉPOCAS

*À Sr.<sup>a</sup> D. Isabel de Almeida Mello de Castro*

1

NA côrte requintada e florentina,  
Que a princeza Maria rodeava,  
Em que a pedante erudição latina  
Ao soneto galante se casava;

Entre a formosa turba feminina  
Que em torno do poeta se agrupava,  
O suave perfil de Catharina  
Deliciosamente destacava.

Nos olhos de Nathercia elle bebia  
Um poema d'amor e de belleza,  
Que em scintillantes versos traduzia.

E da Ribeira nos reaes serões  
A fina flôr da gente portugueza  
Applaudia as estrophes de Camões.

## II

**A**LEGRES madrigaes da mocidade!  
Torneios e saraus em que brilhou!  
Existencia feliz que uma saudade  
Na sentida elegia transformou.

Quando a morte, na dura crueldade,  
De tudo quanto amava o separou,  
Levantando-lhe n'alma a tempestade,  
Que em ondas d'epopcia rebentou.

Foge-lhe assim a esperança em que vivia,  
E comparando à propria dôr sombria  
De Pedro a legendaria viuvez,

Sentiu, na solidão do captiveiro,  
As saudades brutaes do Justiceiro  
Ante o vulto amantissimo de Ignez.



## A LENDA DA PRINCEZA

Na rota barbaei, nos fossos aterrados  
Que outr'ora atravessava a ponte levadiça,  
Nas ameias senis, e muros derrocados  
Do vetusto castello a hera se espreguiça.

Nas frestas da muralha as aves fazem ninho;  
O negro abutre paira a farejar a preza;  
Nas seteiras verdeja o trevo e o rosmarinho;  
Tem um sabor de lenda a velha fortaleza.

Espalham-se, no chão da torre de menagem,  
Quebrados capiteis, columnas bysantinas;  
Um ingenuo pastor, no seu dizer selvagem,  
Ao forasteiro narra a historia das ruinas.

Conta que houvera um rei, bravissimo guerreiro,  
Que adorava a rainha e doido a estremecia,  
Mas sendo velho já, sem filho, e sem herdeiro,  
O namorado rei bisonho entristecia.

No sangue da batalha e na peleja dura  
O velho rei tentou as magoas esquecer.  
Voltando vencedor, um pagem que o procura,  
Lhe disse que a rainha a sós o queria ver.

Da voz aveludando as notas de crystal  
Ella lhe diz que vae perpetuar-lhe a linha.  
N'aquella mesma noite a folha d'um punhal  
Rasgava o coração do pagem da rainha.

Na côrte se contava o caso vagamente,  
E commentando baixo a tragica aventura,  
Diziam, que a rainha ao expirar doente  
Duas filhas deixou de rara formosura.

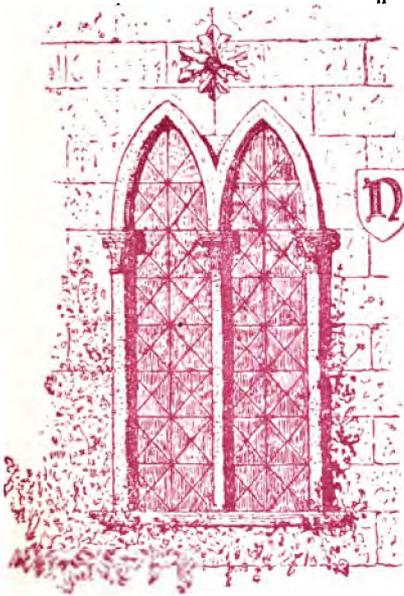
E revelava alguém que vira d'uma vez  
No peito da mais nova, em negro, desenhado,  
Com singular relevo e rara nitidez,  
O cabo do punhal argenteo cinzelado.

Foi n'essa occasião que o fero rei mandou  
As filhas encerrar n'aquella fortaleza;  
Alguns annos depois na côrte se espalhou,  
Que apenas na prisão restava uma princeza.

Ora por esse tempo um moço cavalleiro,  
Que em guerras alcançara a fama de valente,  
Resolve penetrar n'aquelle captiveiro,  
Mordido d'ambição imaginosa, ardente.

E tanta astucia emprega, e usa de taes ardis,  
Que em breve penetrar na fortaleza alcança;  
O desejado fim consegue, e vê, feliz,  
Render-se o coração da tímida creança.

II



As curvas arcarias onde brilha  
Um poema de pedra, e se rendilha  
Em gothicos labores,  
Subindo nas columns a ramagem  
Entre espiraes de cachos e follagem,  
E recortadas flores,

Estrugem as abobadas sagradas,  
Retumbando as sonoras baforadas  
Do orgão medieval;  
E da tuba canora a voz intensa  
Enche de fundos sons a nave immensa  
Da velha cathedral.

Desenha-se nos vidros multicores  
Das janellas, em tragicos horrores,  
    O drama da Paixão;  
Desde o beijo na face de Jesus,  
Até ao monte onde se hasteia a cruz  
    Junto do máu ladrão.

Pelos vidros d'um forte colorido  
Còa-se a luz, que esbate no vestido  
    Nevado e de setim  
Da princeza, que proximo ao altar  
Tremula vae em breve murmurar  
    O desejado: sim.

Pois essa luz que tinge, tão ligeira,  
O branco veu, a flor de lorangeira,  
    De esmaiado rubor,  
Contrasta com a pintura commovente,  
Animando essa festa alegremente,  
    Essa festa d'amor.

A poeira nas fitas luminosas  
Treme em danças aereas, vaporosas,  
Saltos funambulescos,  
E d'incenso uma nuvem se desdobra,  
Como os anneis de transparente cobra  
Em largos arabescos.

Sob o rico docel apparatuso,  
D'onde cae o brocado sumptuoso,  
A purpura brilhante,  
Em largas pregas d'oiro recamadas,  
Entre as armas reaes auri-bordadas  
D'um brilho coruscante,

Sobre o throno, sentado como um espectro,  
O velho rei cogita: sente o sceptro  
Resvalar-lhe da mão,  
Sem que o receba um desejado herdeiro...  
E o seu olhar persegue o aventureiro  
E a filha d'um villão.

Desvia então a vista, mas, na frente,  
A rainha que dorme, docemente,  
No tumulto estendida,  
E que no fundo somno socegado,  
Tranquilla escuta os hymnos do noivado  
Da filha estremecida,

Faz borbolar o sangue revoltoso,  
Na face d'esse rei d'aspecto iroso.  
Com singular pujança,  
E no sombrio olhar se atea o lume  
Do seu antigo e tragico ciume  
Repleto de vingança.

Quando ao cabo da festa apparatusa  
Para beijar do pae a mão rugosa  
A noiva alegre vinha,  
Pendente lh'a sentiu inanimada,  
Como ao beijar a nivea mão gelada  
Marmorea da rainha.

III



A perfumada alcova a noiva alvoroçada  
Escuta com terror, em vez d'alegres hymnos,  
Na torre do castello, em lugubre toada,  
Dobrem tristes sinos.

Parece-lhe então ver o véo do casamento  
De goivos semeado, e funerarias flores;  
Cuida que lá por fóra o sibillar do vento  
Maldiz os seus amores.

No peito do marido acolhe-se tremente,  
Com a fraca timidez que a pomba voa ao ninho,  
E lança o meigo olhar ao d'elle, docemente,  
A procurar carinho.

Mas não encontra ali a fonte de ternura,  
A doce protecção, que tanta vez sonhou:  
Faltando-lhe esse olhar que tremula procura,  
Chorando desmaiou.

É que o dobrar do sino ao moço cavalleiro  
Affaga docemente o sonho d'ambiçãõ,  
Diz-lhe que vae ser rei, que o seu paiz inteiro  
Lhe vem beijar a mão.

No duro bronze vê a mão da humanidade  
O nome seu gravar junto aos heroes da historia:  
Sente a remota voz, em que a futura edade  
Lhe falla da memoria.

Moderada, impaciente, a sofrega alegria,  
Que em borbotões lhe inunda as faces radiosas;  
E deixa que se enrosque a ardente phantasia  
Em curvas caprichosas.

Mas subito lhe vem cair no pensamento,  
Pesada como um ferro, aguda como a dôr,  
A duvida, que muda em singular tormento  
O sonho encantador.

Por isso ao perceber que a tremula princeza  
Ao peito lhe encostou a fronte virginal,  
O seio lhe descobre, e vê-lhe com surpresa  
A marca do punhal.

Pensando que á mais nova unira o seu destino,  
Em negra raiva ardendo e louco de vingança,  
Allucinado rasga o seio alabastrino  
Da tímida creança.

.....

Refere hoje o pastor que sobre essas ruínas  
Um vulto branco paira em noites de luar,  
E que ao primeiro alvor das luzes matutinas  
Se esconde a soluçar.

ρ

## PROCESSO DE JELIA



*A Bernardo de Pindella*

VAMOS, leitora, entrar n'um tribunal agora,  
Mas não a levarei (socegue desde já)  
Aos bancos infernaes da suja Boa Hora  
Ouvir os palavrões da escola de Zola.  
Se o caso a commover, então, minha senhora,  
Onde era o tribunal, em breve o saberá.

Na cadeira preside á celebre audiencia,  
Austero como a lei, um grave magistrado,  
Que nunca se dobrára ao rogo mais pesado,  
Nem consta que jámais vendesse a consciencia.

Um Salomão blindado,  
Modelo de virtude, abrigo da innocencia.

Na mesa onde é costume acharem-se dispersos  
Os perfidos punhaes, as facas truculentas,  
Despojos de ladrões, e tunicas sangrentas,  
Provas de muito crime, e casos tão diversos,  
Solitario um sapato ali se vê sómente  
De pallido setim, que um pouco desmaiára  
Com saudades talvez do companheiro ausente,  
Ou do pequeno pé que d'antes o calçára.  
E tem muita razão, porque é tão pequenino,  
Que o pé devia ser um dactylo perfeito...  
Emfim, talvez maior do que este alexandrino,  
**Mas muito mais bem feito.**

A dona, a quem pertence aquella miniatura,  
Envergonhada esconde o rosto na mantilha,  
Por sob a qual se vê um forte olhar que brilha,  
Com a provocante luz d'uma saphyra escura,  
E sabe reunir gestos da *Seguidilla*,  
Ao porte mais modesto e séria cómpostura.

Tem artes de juntar a alvura da camelia  
Ao púrpuro esplendor das rosas tropicaes,

A ingenuidade mansa e candida de Ophelia  
Aos modos de *mañola* ousados, sensuaes ;  
Por isso quando dança a triumphante Lelia,  
Rompe-se muita luva, applaudem-n'a os jornaes.

O que hoje traz ali a bella criminosa  
Corre de bocca em bocca, e, rindo, se aprecia  
D'um velho conselheiro a cõrte escandalosa,  
E a cara que faria  
Quando ella de uma vez lhe arremessou nervosa  
Com o pequeno sapato á calva luzidia.  
Foi isto o que apagou a chamma abrazadora  
Que ha muito consumia o pobre conselheiro,  
A quem hoje só resta a febre vingadora  
De ter perdido assim com essa seductora  
Reputação de sério, e rios de dinheiro.

Em quanto gesticula e falla o delegado  
Lembrando a veneranda e funda cicatriz,  
Pela primeira vez na mente do juiz

Se fôrma um pensamento alheio ao seu estado;  
E sente ao ver da ré a carnação feliz  
Um veneno subtil nas veias espalhado.

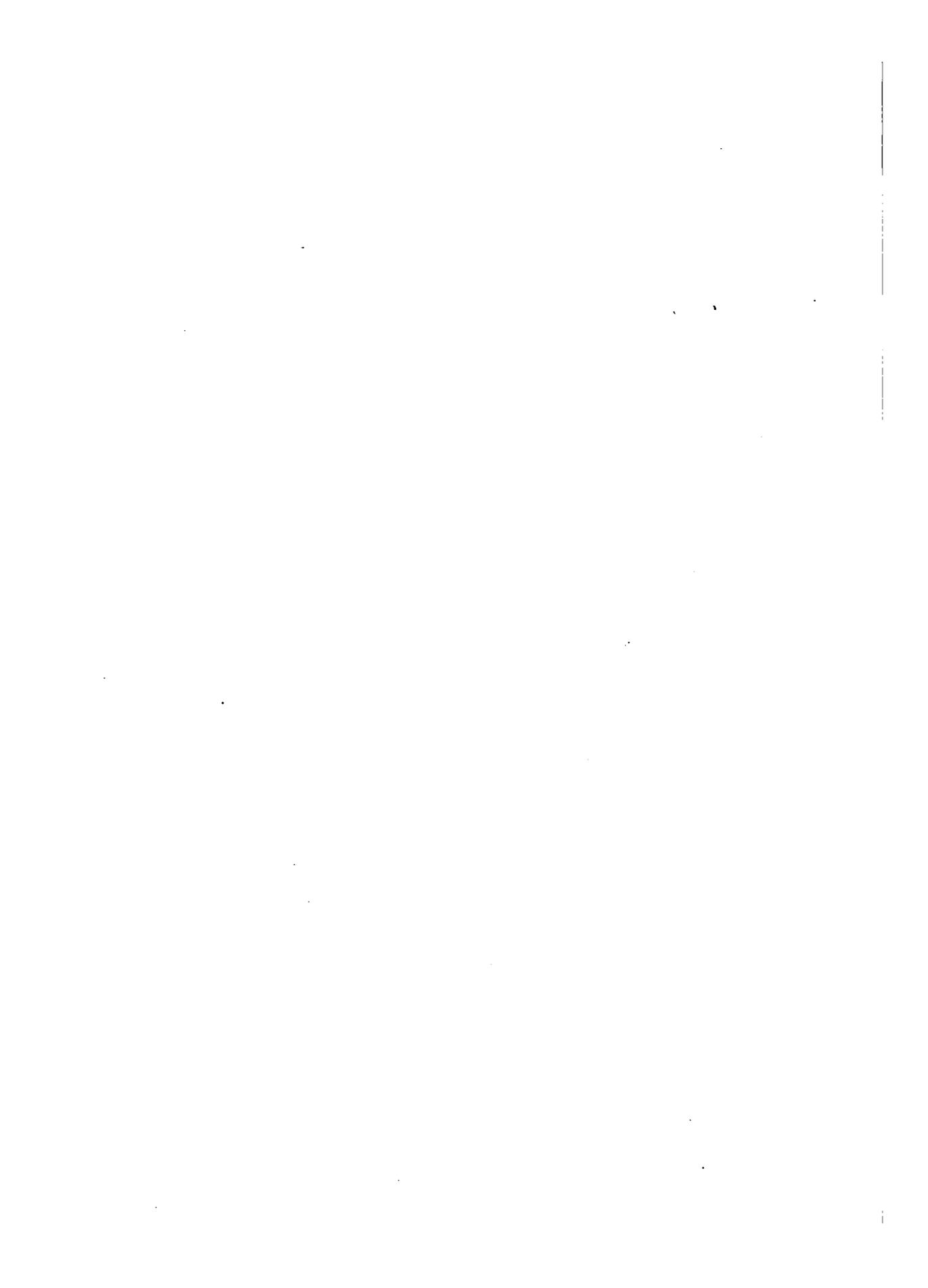
Recorda solteirão sem pena nem saudade  
A vida que arrastou passada na rotina,  
No pó dos tribunaes, que obriga á seriedade,  
Sem um desvio só, nem sombra feminina,  
Que lhe levante n'alma o pó da mocidade,  
E surge-lhe hoje ali formosa a dançarina.

Apenas ella vê que esse nascente amor  
O grave magistrado invade n'um tormento,  
Renova de Phrinea o perfido argumento,  
E faz cahir o veu do rosto tentador,  
Deixando adivinhar no busto corpulento  
As fôrmas triumphaes da Juno d'Euphranor.

Não foi mais expressiva a grega cortezã,  
Porque esta descalhindo apenas a mantilha,

E n'um sorriso, abrindo os beiços de romã,  
Formosa flor de carne, intensa macenilha,  
Perturba do juiz a mente pura e sã.

O texto da sentença é facil de prever.  
Declaração d'amor feita em papel sellado...  
Mas cedo se começa o pobre a arrepender,  
Sentindo que o sapato é contra si vibrado,  
E já mais d'uma vez alguem lhe ouviu dizer:  
Que tudo quanto é bom, faz mal ou é peccado.



## BIARRITZ



A  
TINHA o sonoro timbre musical

Na fresca voz de notas argentinas,

E o requebro hespanhol, cheio de sal,

Nas recatadas fôrmas peregrinas.

Quando entrava nas ondas azulinas,

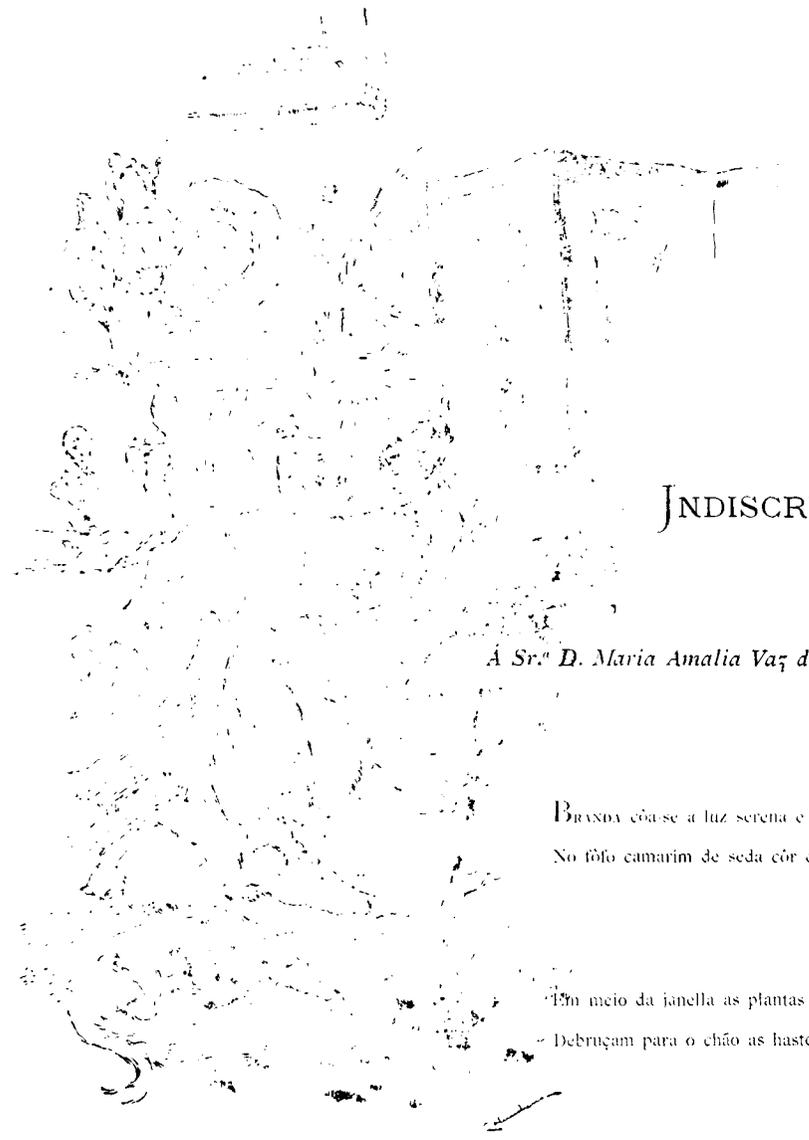
A filha do marquez de Fuencarral

Tinha a graça indolente das ondinas

Mergulhando-se em lagos de crystal.

Ouvindo que na Antocha se casara  
Um banheiro rapaz que muito a amara  
Afogou-se na *Grua dos Amantes*.

Quando alguem lh'o contou, com funda magoa  
Dos olhos negros d'ella rasos d'agoa  
Cahiram sobre o peito dois brilhantes.



## JNDISCRICÃO

*À Sr.<sup>a</sup> D. Maria Amalia Vaç de Carvalho*

BRANCA cõa-se a luz serena e voluptuosa  
No tófo camarim de seda cõr de rosa.

Em meio da janella as plantas delicadas  
Debruçam para o chão as hastes recurvadas.

Deslumbram de Cellini argenteas esculturas;  
Descançam na parede artisticas gravuras.

N'um quadro uma ramada umbrosa de Corot.  
Além vê-se n'um leque um parque de Watteau.

N'aquelle contador (um movel Renascença)  
Ha louças do Japão, e pratos de *fayença*.

Respiram-se no ar perfumes elegantes,  
Aromas de violeta, effluvios penetrantes.

Um formoso animal, um cão felpudo enorme,  
O focinho nas mãos junto a um piano dorme.

Dorme, sonha talvez n'uma creança linda,  
Que elle salvou no mar ha pouco tempo ainda.

Espalham-se na meza illustrações formosas,  
Albums de Gavarni, paesagens deliciosas.

Entre os livros se vê um lapis encostado,  
N'um album inda aberto, ha pouco abandonado.

No candido papel avulta em traço fino,  
O accentuado perfil d'um rosto masculino.

Uma gentil morena, a trança côr de amora,  
N'um commodo sophá distrai-se encantadora.

Abre-se-lhe nas mãos um livro: as *Miniaturas*.  
Sonha a virgem talvez phantasticas venturas.

Vamos, indiscrição! A pagina o que reza?  
Lê-se no alto—*A noiva*; adivinhei, marqueza.



## A VOLTA DA AMA

*Ao Dr. Eduardo Burnay*

PARTIRA ha mais d'um anno a loira Beatriz,  
A cara mais bonita e fresca do logar.  
Mulher do ferrador. O povo d'ali diz:  
Que ella fôra ser ama, e rica ha de voltar.

Ao ferrador custou vel-a partir, deixando  
O filho sem amparo e a casa abandonada;  
Hoje porém contente, á porta, a fica esperando  
E sobre o ferro bate alegre martellada.

Do vasto parreiral, que a porta lhe sombreia,  
Pendem cachos no ar maduros, saborosos,  
Em torno aos quaes se vê da proxima colmeia  
Zumbir o povo alegre, em gyros caprichosos.

De machos uma récua espera paciente,  
Do pello sacudindo as importunas moscas;  
Escuta-se o bater do ferrador valente  
Dobrando na bigorna as ferraduras toscas.

Cacarejando ao sol, debica na estrumeira  
Uma gorda gallinha, em maternal affecto,  
Á prole que a rodeia ensina ella a maneira  
De procurar com o pé o desejado insecto.

Na estrada solitaria ha tilintar de guizos;  
A diligencia vem; de patos foge um bando;  
Param no lavadouro a gritaria e risos,  
Surgem caras a medo ás portas indagando.

Acompanhada vem de alguns de seus parentes  
A bella Beatriz, mulher do ferrador;  
O mulhierio a cerca e gaba-lhe os presentes,  
Uma pulseira d'oiro, um rico afogador.

Do seu olhar azul a doce limpidez  
Traz hoje da cidade um provocante brilho,  
Estranho e sensual, tão cheia d'altivez  
Que a desconhece e chora, ao vel-a, o proprio filho.

E o ferrador, olhando a scena singular,  
Suspeita a duvidosa origem da riqueza,  
E resmungando vae no banco martellar  
Desabafando assim... as magoas e a tristeza.





## UM CASAMENTO

NO SÉCULO XIV

I

### O CERCO

Num vasto acampamento assenta os arraiaes  
Em volta de Lisboa a castelhana gente ;  
Rodeiam a muralha as hostes triumphaes,  
Com pompa singular, e brilho reluzente.

De Campo Lide ao Tejo as tendas luxuosas  
De seda e brocatel, em matisadas côres,  
Ostentam, na fachada, as armas orgulhosas  
Dos grandes de Castella, altivos campeadores.

Nas ruas da cidade, em cerco improvisada,  
Confundem-se em tropel os nobres cavalleiros,  
Os pregões do judeu que vende agua rosada,  
Os risos de mulher, as pragas de besteiros.

Escuta-se, a bater no ferro, o alfageme ;  
Os guinchos do truão sybillam pelos ares ;  
Debaixo dos corceis a terra dura treme ;  
Ha gritos bestiaes, e lubricos cantares.

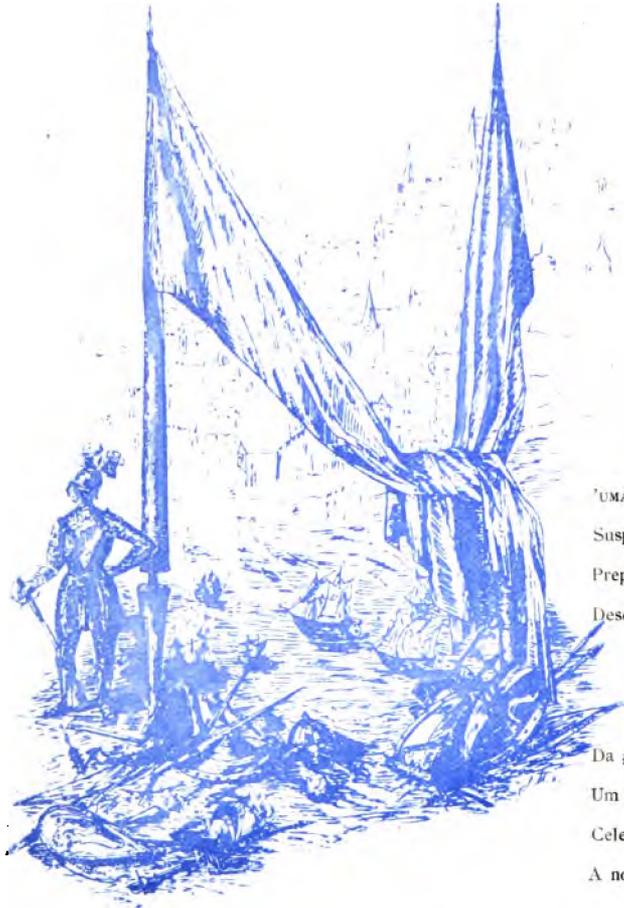
Por todo esse arraial a turba sybarita,  
Que ha mezes ameaça os muros de Lisboa,  
Em gaudio tripudia, e em provocante grita,  
Que ao fundo de Valverde em confusão echoa.

De lanças a muralha e chuças erriçada.  
Resiste com valor e muda teimosia,  
E da arraia miuda a onda entusiasmada  
Aos de Castella mostra a rara valentia.

Injúrias, que os de um lado aos outros arremeçam.  
Provocam parciaes, ephemeras contendas:  
A lança e o virote, os dardos atravessam  
Do alto da quadrella ás numerosas tendas.

Em desafio chama um nobre a outro nobre,  
E travam com furor combate singular:  
Sob a viseira então que os rostos lhes encobre,  
Chispa a sinistra luz do chamejante olhar.

O frade patriota, e a intrepida mulher  
Que augmentam a de Aviz inquieta e forte grei,  
Trigosamente vão, cantando, a combater,  
E pasmam com valor o castelhano rei.



II

## AS NUPCIAS

UMA manhã de Agosto, alegre e sorridente,  
Suspende-se d'accordo a fera hostilidade;  
Prepara-se a folgar no campo a dura gente;  
Descança em doce paz a bellica cidade.

Da guerra interrompendo o drama virulento,  
Um idyllo amoroso a historia nos revela;  
Celebra-se com festa um nobre casamento;  
A noiva é portugueza, o noivo é de Castella.

—Na pleiade brilhante e cõrte juvenil  
Que D. Leonor em torno a si juntava,  
Foi Beatriz de Castro a dona mais gentil,  
Do mais gentil olhar que os paços animava.

E foi tal o poder da sua formosura,  
Que a perfida rainha a escolhe entre as demais.  
Deixando-lhe enredar o fio d'aventura  
Que aponta contra o genro a folha dos punhaes.

A chronica nos diz que a bella portugueza  
D'El-Rei o nobre primo então enlouqueceu,  
A ponto de levar em criminosa empreza  
O namorado Afonso ao lance que o perdeu.

Foi isto o que atirou a astuta Leonor  
Da luzidia cõrte á cella d'um convento;  
N'um sopro se desfaz o sequito d'honor,  
Que outr'ora povoava o paço turbulento.

Na buliçosa turba, em migração fugida,  
Figura Beatriz na flor da mocidade,  
E voando a Lisboa á paternal guarida,  
O cerco a vem prender nos muros da cidade.

Ao ver da fugitiva o luminoso olhar,  
Desanimando já d'entrar na fortaleza,  
O conde de Mayorca, em vez de batallar,  
Conquista o coração da bella portugueza.

Por isso n'esse dia o vasto acampamento  
Em galas amanhece e em musicas guerreiras,  
E n'esse mar extenso, ao perpassar do vento,  
Desdobram-se os pendões, desfraldam-se as bandeiras,

Como lenços dizendo adeus ao Tejo azul,  
Por onde a fusta corre e singram as galés,  
Que deixando Restello, a pôpa dando ao sul,  
Ancoram-se em Lisboa e vem beijar-lhe os pés.

---

Na tenda em que tremula o pavilhão real,  
Em doce arrasoar, as damas da rainha  
Do conde de Mayorca, o moço general,  
Aguardam o esponsal que perto se avizinha.

Já dentro da cidade ouviram repicar  
O carrilhão da Sé que as festas anuncia:  
Já vem chegando a voz da turba popular  
Que envolve o Defensor em calida alegria.

Garrida e pittoresca, a multidão se espalha,  
Em alas, aguardando o esplêndido festejo;  
Descerram-se os portões da solida muralha,  
Nas ruas serpentei: o nupcial cortejo.

Timbales, anafis, adufes e tambores  
Vão em frente vibrando harmonica fanfarra;  
A plebe, quando passa a turba dos senhores,  
Epithalamios lança em bafos d'algarra.

Sobre o rico teliz de fina bordadura  
A noiva passa ouvindo os hymnos triumphaes,  
E da anafada mula a redea lhe segura  
D'Aviz o nobre Mestre, honrando os esponsaes.

No seu aspecto rude e no soberbo porte,  
No seu profundo olhar onde a coragem luz,  
E o pensamento ferve alevantado, e forte  
Que as multidões domina, e multidões seduz,

Tem hoje uma brandura, um ar galanteador,  
Que a historia não conhece em D. João primeiro,  
E que no vulto heroico e bom do Defensor  
É doce como o rir d'um velho marinheiro.

Chegando ao arraial, com a nobre comitiva  
Ao conde castelhano a noiva confiaram,  
E n'essa noite o Mestre e a gente sua ativa  
Da paz o singular parenthesis fecharam.

III

LUA DE MEL

PASSÁRA mais d'um mez ; nos muros de Lisboa  
Sinistra vae crescendo a pavorosa fome ;  
Pelo campo inimigo a negra peste voa,  
Abutre que o devora e vidas lhe consome.

Espalha-se o terror em todas as fileiras,  
Na soldadesca lavra o fundo abatimento  
Em frente do flagello. As vozes carpideiras  
Da gente angustiosa em lugubre lamento

À tenda vão d'El-Rei pedir-lhe que levante  
O cerco. Elle recusa, e, proseguindo a empreza,  
Vê a peste minar das tropas o restante,  
E dizimar-lhe a flor da intrepida nobreza.

Resiste entanto El-Rei e de vergonha córa  
Pensando abandonar o campo ao portuguez;  
Brevemente porém o regio orgulho chóra  
Sentindo-se dobrar pela primeira vez,

Quando chega a roçar sinistra as negras azas  
No pavilhão real a peste, e vem, damninha,  
A febre incendiar as coruscantes brazas  
Na face desmaiada e bella da rainha.

Do embravecido rei na mente ambiciosa  
Desenha-se-lhe então o negro pensamento  
De rodeiar com fogo a gente valorosa,  
Que tanto resistira ao cerco truculento.

Mandou incendiar, n'um impeto selvagem,  
As tendas de setim dos vastos arraiaes,  
Que ao languido soprar da vespertina aragem  
Estorcem pelo espaço as rubras espiraes

De fogo abrazador, lembrando a antiga Roma  
Que Nero á sobre-meza accende com prazer,  
As chammas infernaes da biblica Sodoma,  
E Troia, a legendaria, em turbilhões, a arder.

Retiram-se entretanto em direcção a Hespanha,  
A tropa destroçada, as hostes combalidas,  
Levando em procissão, n'uma vanguarda estranha,  
Toda a nobreza morta entre illusões perdidas.

Caminha devagar na secca Extremadura  
O funebre cortejo. Á noite, dos brandões  
Á movediça luz, destaca-se a figura  
D'uma mulher que chóra atraz d'um dos caixões.

Da noiva de Mayorca a extrema pallidez  
Reve!la da sua dôr os golpes cruciantes,  
Sentindo mergulhar na escura viuvez  
D'uma lua de mel os raios scintillantes.

FIM

# JNDICE

	PAG.
Cahir do azul . . . . .	7
Fin de réve. . . . .	11
O alabardeiro. . . . .	15
O romance de Julia. . . . .	21
A filha do chefe . . . . .	27
Ruinias . . . . .	31
Mariquita. . . . .	33
Trepadeiras. . . . .	35
Uma visita ao moinho. . . . .	37
Mephistopheles e Martha. . . . .	43
De comer a quem tem fome. . . . .	45
Lamina de Toledo . . . . .	47
Primeiro d'Abril . . . . .	53
À Sr.ª Duqueza de Palmella. . . . .	57
A padeirinha . . . . .	59
Doas épocas . . . . .	63
A lenda da princeza . . . . .	67
O processo de Lelia . . . . .	79
Biarritz . . . . .	85
Indiscrição . . . . .	87
A volta da ama. . . . .	91
Um casamento no seculo XIV . . . . .	95



2.











FEB 17 1960

